

## **Tardaste-me**

Ana Rita Rocha

O avião aterrou às 11h28min, exactamente dois minutos antes da hora prevista, no aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto.

O avião estava apinhado de gente. Decorreram uns quinze minutos entre a abertura de portas e o momento em que todos os passageiros o abandonaram.

Permaneci sentada durante uns cinco minutos, enquanto trocava umas palavras de circunstância com o meu cliente e olhava através da minúscula janela. Ao contrário daquilo que tinha recebido como informação, não chovia. Parecia que a noite estava amena. “Menos mal”, pensei.

Desci até às cintas de recolha de bagagem. Como saí primeiro, deixei de ver o meu cliente. As malas ainda não estavam disponíveis para recolha e aproveitei o bocadinho para ir até à casa de banho. Enquanto caminhava, sentia o coração aos saltos. “De certeza que ele está cá”, pensei. “Mas não, ele não veio...” – tentava racionalizar. O frenesim crescia e percorria todas as partes do meu corpo... “Calma, calma, Mariana. Ele está em Madrid, a jantar com o amigo.”

As ideias atropelavam-se umas às outras. Era sexta-feira. Recordava que ainda não decorrida uma semana, ele tinha apanhado um avião desde Madrid a Santander, sem que ninguém soubesse, surpreendendo tudo e todos ao aparecer na reunião de negociação com a Benecom. E tudo isto, ele tinha decidido no espaço de duas horas, se tanto! Eu sabia que ele era homem para se meter dentro de um avião, se sentisse que o devia fazer.

Por outro lado, ele sabia perfeitamente que eu estaria no Ipanema Park naquela noite. E que, acontecesse o que acontecesse, eu planeava passar o sábado no Porto.

Falando com ele ao telefone, deveriam ser umas dez da manhã na Alemanha, não pude deixar de sugerir que, ante a impossibilidade de nos encontrarmos no domingo, ele viesse ainda na sexta, ou já no sábado... Não lho tinha pedido directamente, porque não é do meu feitio pedir o que quer que seja, mas mais que uma vez, indiquei-lhe que estaria no Porto nessa noite. As minhas intenções eram por demais óbvias. Entendendo o que eu queria, ele apressou-se a dizer que sexta à noite tinha um jantar com o Gonzalo Garcia, amigo de toda a vida, que se recusava a deixá-lo nestes momentos. Imediatamente, calei-me.

Mas agora, sei lá! Eram 11h da noite, a mente estava cansada e voava... Porque é que ele não viria? Se eu era aquilo que ele queria acima de todas as coisas, como tantas vezes me remarcava, a pessoa que lhe estava a dar vida, como ele assumia; se eu era assim tão importante, porque raio não poderia ele deixar o amigo Gonzalo por uma

noite, se de resto, Gonzalo era o amigo com quem passava todas as manhãs de domingo e com quem jantava diversas vezes durante a semana? Além disso, coisas mais extremas já ele tinha feito por outras pessoas de trabalho; colegas, simplesmente.

Passava-me pela cabeça que ele não teria cancelado o voo e que em vez disso, tinha alterado a data, não me dizendo nada, por forma a fazer-me uma surpresa... Sim, só podia ser isso! Ainda para mais, tinha levado toda a tarde sem atender o telefone. Porque é que não me ligara? Só podia ser isso: uma surpresa! “Ai meu Deus!”, tremia ante a possibilidade de o ver. Agarrei com força o portátil que levava numa pasta de mão.

A minha mala vermelha aparece na passadeira justamente no momento em que saio da casa de banho. “Que coincidência, só pode ser um sinal!”. Recolho a mala e começo a andar até à zona de saída.

Não tenho nada a declarar. Saio. Estou nervosa. As pernas tremem ligeiramente. Quando se abrem as portas automáticas de par em par, vejo muita gente. Todas as pessoas que estão do lado de fora, aguardam expectantes, por alguém. Têm sorrisos nos lábios. Paro uns segundos. Olho para toda a gente, de relance, demorando o olhar nos meus pensamentos. Cá fora, não está ninguém à minha espera. Fecho mais a mão em torno da pega da minha mala vermelha e baixo a cabeça. Volto a mim. Integro a dor que sinto. Estou sozinha.

Caminho sempre com os olhos no chão. Depois, levanto a cabeça e de repente, vem-me à memória o dia em que nos encontrámos no aeroporto Sá Carneiro quando ele chegava de Madrid, aquele dia porque tanto ansiámos... O dia em que íamos finalmente estar frente a frente um com o outro e poder admitir cara a cara os sentimentos que nos uniam. Recordava agora o momento em que eu o vira, ainda ao longe. Ele, com a mala, a caminhar na direcção contrária à minha. Eu tentando aproximar-me, e ele afastando-se cada vez mais, escondendo a cara, fazendo-se passar por envergonhado e fingindo que não me via, enquanto me espreitava de soslaio, esboçando um sorriso. E tudo isto se passara, perante o meu olhar apaixonado, as minhas faces rosadas pela timidez e um sorriso de quem não sabe nem nunca soube esconder o que lhe vai na alma.

O contraste entre a alegria dos meus pensamentos e a desilusão do momento actual era enorme. Doía-me a alma. Ainda não conseguia aceitar que afinal tinha sido um equívoco, tudo aquilo que tinha sonhado. Fez-me lembrar as noites em que sonhei que a minha querida avó era ainda viva e estava comigo, para logo me despertar, momentos depois e constatar que afinal não... E que era tão irreversível como isso: a avó já não estava entre nós.

Costuma-se dizer que sonhar é de graça, mas eu nunca acreditei nisso. E que preço mais alto se paga, quando nos despertamos!

Olhava para o chão e então surge ao meu lado o meu cliente que me diz: “Não tive oportunidade de me despedir de si.” Sorrio. Aquelas palavras, singelas, aquecem-me o

coração. Numa noite escura, no Porto, alguém dava pela minha ausência. “Muito obrigada”, sorrio-lhe também e estendo a mão. Aperta-me a mão e olha-me nos olhos. A companhia dele, durante o voo foi agradável. “Vai para os táxis?”. “Sim”, respondo. “Força”, estende a mão em sinal de passagem e cede-me a dianteira. Um táxi pára e o cliente despede-se de mim, fazendo-me sinal, para que entre no táxi. “Oh, não, por favor; vá o senhor, tem a família à espera em casa. Eu não tenho ninguém.”, e ao dizer isto, solto uma pequena gargalhada que quase parece sincera e o coração abre-se-me mais um bocadinho.

Mas o senhor é um cavalheiro e sigo eu primeiro. Quando o táxi arranca, começa a chover. Primeiro umas parcas gotas de água e a seguir, já chove torrencialmente. Na rádio, Carlos do Carmo canta a “Estrela da Tarde”.

"Era a tarde mais longa de todas as tardes  
Que me acontecia  
Eu esperava por ti, tu não vinhas  
Tardavas e eu entardecia  
Era tarde, tão tarde, que a boca,  
Tardando-lhe o beijo, mordia"

(...)

"Meu amor, meu amor  
Minha estrela da tarde  
Que o luar te amanheça e o meu corpo te guarde.  
Meu amor, meu amor  
Eu não tenho a certeza  
Se tu és a alegria ou se és a tristeza.  
Meu amor, meu amor  
Eu não tenho a certeza."

(...)

E enquanto o táxi seguia, dei graças a Deus, por estar a chover tanto e as minhas surdas lágrimas caírem no meu regaço e morrerem em mim.